

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

KARLA CRISTINA DA SILVA

AMIGO IMAGINÁRIO: das vivências infantis à subjetividade dos adultos

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

KARLA CRISTINA DA SILVA

AMIGO IMAGINÁRIO: das vivências infantis à subjetividade dos adultos

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Prof^a. Ma. Gema Galgani da Fonseca

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

KARLA CRISTINA DA SILVA

AMIGO IMAGINÁRIO: das vivências infantis à subjetividade dos adultos

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 04 de novembro de 2018.

Orientadora: Prof^a. Ma. Gema Galgani da Fonseca
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Prof^a. Dr^a. Danielle Ribeiro Ganda
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Prof^a. Ma. Constance Rezende Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todos os pais, professores e profissionais da psicologia que desejam melhor compreender os benefícios dessa fantástica forma de brincar. Mas principalmente às professoras que oportunizaram e contribuíram para esta pesquisa de campo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento gostaria de agradecer a Deus, meu melhor amigo e confidente pela luz e força. À minha família por ter sido minha base, incentivo e pelo apoio incondicional.

Ao coordenador do curso de Psicologia, Prof. Gilmar Antoniassi Júnior pelo acolhimento e carinho que sempre demonstrou com todos os alunos. Aos docentes que tive a graça de conhecer e que me proporcionaram aprendizado e uma ânsia de buscar fazer e exercer a profissão com amor, entusiasmo e ética.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora Gema Galgani da Fonseca, pelos ensinamentos que se iniciaram na Psicologia do Desenvolvimento e se seguiram até o Trabalho de Conclusão de Curso, pela preocupação e auxílio neste estudo. Sempre solícita às minhas dúvidas e questionamentos, acrescentando com seu profissionalismo, conhecimento, experiência, competência, e amor à psicologia e ao aprendizado.

Aos meus colegas e amigos da faculdade que trilharam este caminho comigo, obrigada pela companhia, troca de experiências e convivência nestes cinco anos de graduação.

Agradeço à diretora da escola em que a pesquisa foi realizada, por ter autorizado a consecução desse estudo com as profissionais da instituição. À supervisora em particular por ter me auxiliado e servido de ponte para chegar até as professoras que se recordavam da companhia imaginária, sempre me recebendo com muito carinho e atenção. E de maneira muito especial, às professoras pela disposição de imediato, pelo acolhimento com tanto zelo à pesquisa e por terem agregado e enriquecido o estudo com tantas lembranças sobre suas infâncias.

*Sois como era a minha raposa. Era uma raposa igual a cem mil
outras. Mas eu fiz dela um amigo. Ela é agora única no mundo*
Antoine de Saint-Exupéry

AMIGO IMAGINÁRIO: das vivências infantis à subjetividade dos adultos
IMAGINARY FRIEND: from children's lives to the subjectivity of adults

Karla Cristina da Silva¹
Gema Galgani da Fonseca²

RESUMO

O brincar da criança alinhado à fantasia são recursos utilizados como forma de internalização e expressão do mundo externo, e dentre as formas de imaginação se encontra o amigo imaginário, o qual simboliza companhia, diversão, amparo, segurança e afetividade. Considerando que encontraram-se poucos estudos brasileiros existentes sobre tema, o trabalho tem como objetivo extrair as contribuições da companhia imaginária sobre a construção da subjetividade do adulto e colaborar para o avanço e expansão dos estudos nacionais. A pesquisa foi realizada com quatro professoras do ensino fundamental de uma Escola Estadual da cidade de Patos de Minas-MG, que se recordavam dessa experiência. Para isso, utilizou-se de entrevista estruturada oral, sem gravação (em que as respostas foram registradas pelo próprio pesquisador) contendo 20 questões; e como forma complementar e de livre expressão, um diário de bordo. Os resultados colhidos sobre o amigo imaginário, confirmam o papel de mediador que as crianças encontram para lidar e externar seus conteúdos psicoemocionais, a forma muito particular de representar vivências infantis e suportarem episódios sofridos e traumáticos que ficam por toda a vida. Portanto, conclui-se que a subjetividade dos adultos está intimamente cambiada pelas experiências infantis e sua capacidade criativa, sendo que as vivências das etapas do desenvolvimento interdependem umas das outras, quando são múltiplos os benefícios do amigo imaginário para a fase adulta como: doce e travessa companhia para o brincar, partilha de segredos infantis, realização de desejos e sonhos tecidos na ingenuidade e espontaneidade da criança.

Palavras-chave: Fantasia. Infância. Psicoemocional. Professora.

ABSTRACT

The child's play in alignment with fantasy are resources used as a form of internalization and expression of the external world, and among the imagination ways, the imaginary friend is found, which symbolizes company, fun, protection, safety and affection. Considering that few Brazilian studies have been found on the subject, this work aims to study the imaginary friend's contribution on the

¹ Orientanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas (FPM). Karla_cristina55@hotmail.com.

² Mestre em Educação. Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e Orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia - DPGSPI/FPM. ggalgani.fonseca@gmail.com

construction of the subjectivity of the adult and collaborate for the advancement and expansion of the national studies in the subject. The research was held by four elementary school teachers from a State School in the city of Patos de Minas-MG, who remembered this experience. For this, we used an oral interview, without recording (in which the answers were recorded by the researcher himself) containing 20 questions and as a complementary and free expression form: a logbook. The results obtained, on the imaginary friend confirms its mediator role that the children find to deal and to express their psychoemotional thoughts, it is the very particular way of representing children's experiences and endure suffering and traumatic episodes that are all over life. Therefore, it is concluded that the subjectivity of the adult is intimately changed by the children's experiences and their creative capacity, and also that the experiences of the stages of development are interdepend from each other, and the benefits of the imaginary friend for adults are multiple; as a sweet and mischievous company to play with, sharing children's secrets, fulfilling desires and dreams woven into the child's ingenuity and spontaneity.

Keywords: Fantasy. Childhood. Psychoemotional. Teacher.

1 INTRODUÇÃO

Recorrendo ao dicionário, a palavra brincar carrega como significado: divertir-se, entreter-se, porém, ao investigar sobre a definição preconizada por Winnicott (1975) pode-se verificar que este tema abarca sentidos mais amplos. O autor conceitua que a liberdade de criação se revela por intermédio do brincar, pois é neste tipo de atividade lúdica que a personalidade é aproveitada de forma completa e criativa; se constituindo num campo mediador que exerce equilíbrio entre o mundo interno e mundo externo.

As brincadeiras infantis significam para a criança sua forma particular de ver o mundo que a cerca, criando, inventando e projetando seus sentimentos, vivências e emoções no lúdico; relacionando e expressando-se por meio destas. Segundo o filósofo Benjamin (2002) “Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (p. 85).

Ferreira (2008) por meio de narrativas recolhidas das crianças e observações feitas em sua pesquisa sobre o amigo imaginário (AI), evidencia a individualidade de criação e imaginação nas atividades de recreação e entretenimento na infância, as quais traduzem desde personagens fantásticos até uma mistura da expressão dos próprios desejos e pulsões. Como por exemplo, um irmão que se gostaria de ter.

Dentre as várias formas de brincadeiras e fantasias, destaca-se 'um brinquedo inesquecível' que perdura por épocas e tempos, o qual se inscreve pela singularidade: o amigo imaginário (AI). Este sugere ter cumprido diferentes papéis para aqueles que dizem que o tiveram, tais como: amparo, conforto emocional, diversão, prazer, companhia, troca, cumplicidade e segurança.

Nos estudos realizados por Ferreira (2008), Velludo (2014), Velludo e Souza (2015, 2016) o amigo imaginário contribui para a evolução sócio-cognitiva e da linguagem, socialização, criatividade e autodescoberta da criança, confirmando algumas definições dadas por professores e familiares. De acordo com Ferreira (2008), este fenômeno está associado à companhia que ajuda a combater o medo, insegurança e solidão, representam a forma da criança expressar seus desejos ou refúgio e fuga para as contrariedades e dificuldades de seu mundo.

No entanto, pesquisadores afirmam que existe ainda uma grande parcela de familiares que associam o fenômeno 'do amigo imaginário' com uma fantasia negativa ou patológica, momentos pelos quais muitas crianças tendem a ser vistas com pensamento perturbado ou apresentando algum tipo de adoecimento. A falta de informação e/ou ideias equivocadas e preconceituosas podem fazer com que os pais impeçam inconscientemente que as crianças tenham 'seu amigo imaginário', ficando este relegado ao campo do não sabido, os desejos e sonhos não experimentados (Velludo, 2014; Velludo & Souza, 2016).

Benjamin (2002) percebe a infância e as experiências vivenciadas como base formadora da subjetividade do adulto, enfatizando que as brincadeiras deixam impressões no inconsciente e posteriormente auxiliarão na formação dos hábitos, na socialização, equilíbrio emocional e recursos internos para lidar com as situações desafiadoras. As brincadeiras lúdicas infantis, como o jogo de repetição, contribuem para o respeito às regras e ao outro que brinca, porque estas ficam marcadas em seu crescer e se assemelham às atividades dos adultos.

A brincadeira da criança é carregada de significados que atravessam e resgatam os primeiros contatos humanos, simbolizando sonhos, memórias, ideias e vivências na infância, as quais podem perdurar com o passar das etapas do desenvolvimento e se configurando até mesmo como 'expressão das artes' (Cerutti, 2011). Estes constructos psíquicos fazem parte da constituição do sujeito,

confirmando o quanto o universo infantil ainda se faz presente no fazer e agir nas fases subsequentes.

Considerando essas pontes de conexão, tornam-se significativas as marcas e lembranças que são trazidas da infância para a fase adulta, quando se defende que o estudo com adultos que se recordam do amigo imaginário poderá oferecer novos avanços acadêmico-científicos. Como enriquecer a compreensão do papel do 'amigo imaginário' sobre o desenvolvimento da pessoa em fase evolutiva, captar como as fantasias e criações infantis contribuem para as subjetividades da fase adulta, e também oportunizar a desmistificação dos mitos e equívocos acerca deste fenômeno, podendo responder aos seguintes questionamentos:

Quais as contribuições do amigo imaginário para a subjetividade humana, e qual a visão e compreensão que os adultos revelam a respeito desta doce ou travessa 'companhia'?

Este trabalho objetiva extrair por meio de entrevista e diário de bordo, as contribuições da companhia imaginária sobre a construção da subjetividade do adulto e colaborar para o avanço e expansão dos estudos nacionais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A contribuição do amigo imaginário

Vasconcelos (2005) escrevendo sobre relatos verdadeiros de sua infância no livro "Meu Pé de Laranja Lima", narra suas fantasias de criança, de como adorava utilizar da imaginação para fugir da realidade tão dura, como: pobreza, falta de amor, injustiças. Capta-se que sua criatividade era tão vasta, que possuía amigos desde um morcego à uma árvore, mas o pé de laranja lima; seu fiel amigo e confidente, era quem entendia sua dor e para quem podia contar suas travessuras.

Por meio da interação imaginária ou real é que a criança vai tomando consciência de si mesma e ensaiando sobre como lidar com a cultura, desenvolve a linguagem e aprende a argumentar com os outros. Convertendo tudo que aprende: imagens, ações, toda a vivência por criatividade imaginativa; recurso utilizado para ir se adaptando à realidade, a criança é vista pelo autor como um ator social, responsável e capaz de construir a sua socialização (Ferreira, 2008).

Para Couto e Arena (2012), através do jogo de papéis a criança desenvolve e internaliza a imaginação, contribuindo para a construção da personalidade e formação da identidade infantil, além de haver a apropriação da cultura em que está inserida. Como é na criação e vivência do amigo imaginário, as fantasias e projeções sobre o seu objeto interno – ‘o amigo imaginário’; propicia à pessoa a melhor possibilidade de lidar com os conteúdos psicoemocionais que vão demarcando a subjetividade futura.

O livro “Memórias de Um Amigo Imaginário” (Dicks, 2012) retrata as recordações de Budo, o amigo imaginário do garotinho Max, como este surgiu e foi criado em sua capacidade criativa. Nomeado de imaginador de uma maneira encantadora, o autor detalha sua personalidade, seus medos, dificuldades e de como mesmo sendo uma invenção fantasiosa, possuía habilidades incríveis; conseguia compreender e entender sentimentos de Max, mesmo quando não eram ditos às pessoas reais.

A criança vai aprendendo a se relacionar, conviver e lidar com as situações por meio da brincadeira e imaginação. Para Fischborn e Lopes (2013), o amigo imaginário tem o papel de estruturar o desenvolvimento infantil e representa um treinamento para as relações da vida adulta, a maneira de ir encarando os acontecimentos e internalizando a realidade.

Segundo Velludo (2014) em alguns casos a criança apresenta ter mais de um amigo imaginário, passeando por várias características fantasiosas e com durações diferentes de permanência em suas vidas, desde reduzida à prolongada. Sendo observado que costumam ter consciência de que o amigo não é real, inclusive algumas relatam ser um segredo.

A criação de amigos imaginários (AI) em estudos pregressos como os de Bouldin e Pratt (1999, 2002), Taylor e Mottweiler (2008) relacionava-se com crianças que possuíam problemas de socialização e emocionais, porém estes apresentaram incoerências metodológicas que comprometiam a sua veracidade. Pouco material se tem a respeito deste tema no Brasil, encontrando em maior número as pesquisas internacionais; sendo que os estudos mais recentes já sustentam uma interpretação muito positiva sobre essa criação infantil (Fischborn & Lopes, 2013; Velludo, 2014).

Uma pesquisa realizada numa cidade do interior de São Paulo por Velludo (2014), com dezoito crianças que possuíam amigo imaginário e vinte e duas que

não, e onze responsáveis sobre a fantasia destas crianças. Utilizou para investigação a aplicação de testes de compreensão emocional, medida de vocabulário e entrevistas sobre fantasia e amigo imaginário. Concluíram que as crianças que possuíam amigos imaginários conseguiram escores mais elevados no teste de medida de vocabulário do que as crianças que não possuíam e isso não está associado a desenvolvimentos deficitários, pelo contrário; podem ser fatores predisponentes de habilidades e vocabulários mais ricos, uma vez que as mesmas tendem a falar consigo (sozinhas).

Para Abenta e Fonseca (2014) a criança já nasce com potencialidades criativas e imaginárias, porém necessita ser estimulada, de espaço livre para expressar-se e por vezes precisará ser orientada. Para que assim, ao crescer, tenha a possibilidade de tornar-se um adulto criativo, espontâneo. Este estímulo promove a autoconfiança, uma vez que se cria e não apenas se reproduz, consequentemente a criança aprende a criar soluções para problemas.

A criança vai deixando de brincar simbolicamente a partir dos 11, 12 anos de idade, sendo que as atividades que envolvem a fantasia em crianças maiores costumam ocorrer quando estão desacompanhadas de qualquer adulto ou criança (Velludo, 2014)

Segundo Velludo e Sousa (2015) o fenômeno do amigo imaginário tem seus benefícios e é algo esperado para o desenvolvimento infantil, está fortemente ligado à sociabilidade e à criatividade, que acabam por acompanhar outras fases evolutivas. Por meio da imaginação, a criança vive emoções, noções do mundo, regras e maneiras de agir, ambas constituindo-se em recursos produtivos para lidar com a realidade.

Existem, além dos amigos imaginários invisíveis, os visíveis, para os quais a criança materializa suas criações em um objeto específico; podendo ser desde uma boneca de pelúcia à um animal de verdade, atribuindo-lhes características de pessoas e heróis (Leticia, 2015). Tendo a possibilidade de projetar e vivenciar fantasias, angústias e desejos através destes objetos, a criança encontra em seu universo infantil maneiras de exercer um jogo de papéis.

Esta curiosa amizade - fruto da imaginação infantil, se assemelha muito com amizade real em que se busca apoio, diálogo, interação, cuidado, companhia e também uma resposta adaptativa a realidade. Diante das lacunas e medos, que no

momento encontram-se difíceis de serem elaborados, e até desejos da criança, é no brincar e na interação com essa amizade divertida que sua imaginação decola e ela acaba por imprimir um pouco de si. Essa relação/comunicação e apego a uma criação imaginária, que na infância é simbólico, poderá auxiliá-la no decorrer da vida em seus enfrentamentos e dificuldades futuras (Oliveira, 2017; Velludo & Souza, 2016; Velludo, 2014).

Velludo e Sousa (2016) compreendem que o amigo imaginário representa uma importante função, principalmente como companhia, por permanecer com as crianças durante um tempo relativamente longo; às vezes com características humanas e de pessoas conhecidas, outras com poderes e características de super-heróis. Como revelado pelas professoras na pesquisa empírica, aparecem com frequência quando as crianças estão sozinhas e neste momento estas mostram necessitar de alguém para brincar e conversar.

Para os pesquisadores Melo, Silva, Moura e Barbosa (2018) este é um fenômeno que pode ser compreendido pela psicanálise, carregado de simbolismos, que podem imprimir os desejos e experiências recalçadas como forma de expressão sintomática para serem ressignificadas. Gutfreind (2014) enfatiza que o amigo imaginário para a criança possui capacidade reflexiva e criativa, um fio condutor que liga e associa a realidade interna com a externa.

Cada criança carrega sua singularidade e vai formando sua personalidade, assim como suas próprias defesas que vão sendo tecidas de acordo com que é vivenciado e internalizado. Por isso não são todas as crianças que criam esta fantasia como recurso para suportar a realidade, podendo ocorrer outras formas de adaptação (Melo et al., 2018), como a fantasia ou algum objeto de apoio. Quando o meio, a família e os pais têm papel importantíssimo no universo da criança.

2.2 Crenças errôneas acerca dos papéis do amigo imaginário

Pesquisadores da psicologia também verificaram, junto a psicanalistas com dez ou mais anos de profissão e que trabalhavam especificamente com crianças, se o amigo imaginário poderia ser sinônimo de patologias ou se seria um recurso saudável. Concluíram que a criança é capaz de separar realidade de imaginação, e

essa criação imaginativa auxilia nos processos conflitivos e alívio dos medos (Fischborn & Lopes, 2013).

Apesar deste tema carecer ainda de mais pesquisas em âmbito nacional, os estudos já realizados evidenciam que alguns cuidadores/pais de crianças que possuíam o amigo imaginário mostram-se mais favoráveis sobre o fenômeno infantil. Relacionando-o a um desenvolvimento saudável, companhia, criatividade e inteligência, vale ressaltar que estes já ouviram falar ou realmente possuem conhecimento sobre o referido assunto (Velludo, 2014).

Velludo (2014) e Velludo e Souza (2016) sinalizam que pais/cuidadores que ainda não entraram em contato com essa realidade, questionam e duvidam se o amigo imaginário representa um meio saudável e normal de crianças se entreterem. Isto acontece porque muitas crianças tendem a falarem “sozinhas” por tempos e que nem sempre o amigo imaginário apresenta características boas, o que provoca angústias e confusões nos pais.

Um fator para as práticas imaginativas não serem muito incentivadas é a falta de conhecimento de alguns pais e familiares que associam o fenômeno a doenças psicológicas, como: perda do contato com a realidade, isolamento e timidez. Fatores religiosos também influenciam a percepção dos pais, podendo atribuir diferentes significados e funções de acordo com a crença; espíritos malignos ou espíritos de proteção (Velludo, 2014; Velludo & Souza, 2015).

Em um contexto geral as pesquisas mais recentes Melo et al., (2018) e Velludo e Sousa, (2016), sobre a percepção dos pais em relação ao AI, sugerem por um lado que parte dos familiares das crianças possuem ainda uma visão negativa. Por outro, o amigo imaginário diante da maioria dos pais/cuidadores é um fenômeno positivo e pode auxiliar na inteligência, criatividade, conforto emocional, companhia e diversão.

Dentre as crenças errôneas sobre o fenômeno do amigo imaginário reúne-se: crítica a respeito da existência normal e saudável deste na infância das crianças, a dificuldade de identificar e compreender sobre o papel das fantasias e criações para o desenvolvimento delas, a tendência de impedir as manifestações do lúdico e contribuir para recalques e psicossomáticas em tenra idade, a associação com conteúdos religiosos de cunho maléfico, contaminando a percepção dos pais sobre a

capacidade imaginativa infantil (Melo et al., 2018; Velludo, 2014; Velludo e Souza, 2015).

Oliveira (2017) afirma ainda que a maioria dos adultos guarda consigo suas grandes e singelas experiências carregadas de fantasias, diversões e muita emoção. Enfatizando que a brincadeira é uma ação que deve ser levada a sério, considerada indispensável para a formação de identidade e subjetividade da criança e que acabam por alicerçarem a subjetividade e individualidade na adultez. O autor ainda se refere à infância como algo importante a ser recordado na idade adulta, principalmente para o professor (a), pois é um fator significativo para compreensão da constituição do sujeito hoje. Devido às marcas deixadas pela imaginação e capacidade de criação, por esse período do desenvolvimento, em fase futura apreende-se estados psicoemocionais adversos.

A atitude dos pais e cuidadores perante a fantasia da criança precisa ser positiva e de envolvimento, uma vez que estes possuem um papel fundamental no crescimento e desenvolvimentos das crianças. Agindo positivamente a criança se sentirá livre para expressar de uma forma saudável e tranquila, agindo negativamente, a criança se sentirá reprimida e impedirá que essa expressão continue a ocorrer, podendo gerar adoecimentos (Melo et al., 2018).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo se configura em uma pesquisa de campo de caráter descritivo qualitativa de natureza exploratória. A população amostra se constituiu de 4 professoras do ensino fundamental de uma escola Estadual da cidade de Patos de Minas-MG, que se recordavam do amigo imaginário em suas infâncias, sendo a participação espontânea.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista estruturada de forma oral, sem gravação (em que as respostas foram registradas pelo próprio pesquisador), contendo 20 questões adaptadas da entrevista utilizada por Velludo (2014). O instrumento foi dividido em três partes conforme as seguintes temáticas: infância, sobre o amigo imaginário, sobre a fase adulta.

E também se utilizou num segundo momento de um diário de bordo que foi entregue às participantes após as entrevistas para que elas pudessem anotar e

ilustrar demais recordações suscitadas através da entrevista, para que ambas formas de investigação agregassem a individualidade da experiência infantil (amigo imaginário) ao fenômeno para a pesquisa – a subjetividade do adulto. Para Moura (2006) o diário de bordo abrange a subjetividade e pode ser usado como método de investigação e coleta de dados. O diário é uma forma de conservar, organizar as memórias e se configura em um instrumento simples, que cabe em diversos contextos, podendo levar à reflexão.

Antes do envio do projeto ao comitê de ética foi feito o contato com a escola por meio da supervisora pedagógica, a qual propiciou contribuição fundamental na seleção das professoras que tiveram o amigo imaginário na infância e se recordavam. As professoras foram convidadas a participarem do estudo, as quais mostraram disponibilidade e motivação para com esta experiência.

Após esse levantamento da amostra de pesquisa foram transmitidas informações mais detalhadas sobre a pesquisa de campo para a diretora da escola, que autorizou a realização desta na instituição, confirmando com uma declaração.

O projeto do trabalho foi encaminhado ao Comitê de Ética CEP/FPM para aprovação, com toda a documentação necessária. E foi aprovado conforme o parecer 2.559.024.

Com a aprovação do projeto, o contato por meio telefônico foi realizado, e agendados data e horário com cada professora para esclarecimentos da pesquisa, assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (TCLE), realização das entrevistas e entrega do diário de bordo, enfatizando que seria divulgado somente o que tivesse sido autorizado, respeitando os critérios de confidencialidade para pesquisa com seres humanos.

Ao término das entrevistas, conforme acordado, foi entregue para cada professora um caderno para que as mesmas fizessem seu diário de bordo de forma espontânea e criativa, registrando dentro de um mês todas as lembranças, memórias, sentimentos que porventura foram desencadeadas pelas perguntas realizadas na entrevista.

Logo após as duas etapas, os dados coletados foram textualizados dentro do tema apresentado. Durante a menção dos relatos no relatório final da pesquisa, as participantes foram apresentadas por número.

Concluindo este processo realizou-se análise descritiva dos conteúdos a partir da subjetividade de cada participante, embasando-se no arcabouço teórico psicanalítico e da psicologia do desenvolvimento respondendo aos questionamentos levantados e o caderno adicionou informações que nortearam a discussão do tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre o surgimento da criação imaginária, as entrevistadas relataram algumas diferenças na idade:

“Tinha uns 12, 13 anos...” (Participante 1).

“Começou com mais ou menos 7 anos, foi bem pouco, aparecia de vez em quando...” (Participante 2).

“Tinha 8, 9 anos...” (Participante 3).

“Tinha 5 anos, nessa época meus amigos iam para escola, porque eram todos mais velhos...” (Participante 4).

De acordo com Piaget (1971), de dois aos sete anos de idade, a criança se encontra na fase pré-operatória, a segunda fase do desenvolvimento cognitivo. Nessa ela já possui a capacidade de representar simbolicamente seus pensamentos e emoções, além de estar desenvolvendo a linguagem e a sociabilidade; sendo que esta capacidade simbólica é que oportuniza sustentação para a criação imaginária infantil.

Kishimoto (2017) também concorda que as crianças neste período tendem a se envolverem com jogos de faz de conta, os quais permitem explorar as dimensões de sua criatividade e imaginação, pois os conteúdos imaginados originam-se de situações vividas anteriormente pela criança, como é no processo de criação do amigo imaginário.

Confirmando o que os estudos realizados preconizam (Velludo, 2014), as participantes 2 e 4, como mostra as falas acima, iniciaram suas criações dentro do padrão esperado de desenvolvimento infantil. E contrapondo o que a literatura apresenta e os estudos teóricos mais recentes sobre cronologicidade do surgimento das criações imaginárias (Papalia et al., 2006; Melo et al., 2018), a dimensão empírica deste estudo nos mostra que as outras duas participantes, 1 e 3, da

pesquisa de campo, se recordaram que sua companhia, fruto da imaginação, surgiram um pouco mais tardiamente entre 8 e 12 anos de idade.

Conforme apreendido no relato da participante 4:

[...] E uma colega pediu emprestado depois de brincarmos juntas, o boneco, para dormir com ela. E eu deixei. E ela cortou ele todo... só o rosto ela cortou 8 partes. E então eu não tinha o boneco,..ele ficou sendo meu amigo imaginário [...] [...] Na escola eu não gostava quando a professora colocava alguém sentado do meu lado, porque tinha meu amigo imaginário [...]. (Participante 4).

Observa-se que apesar da falta de recursos financeiros para aquisição de brinquedos e a perda do boneco real, o qual ganhara de uma estranha que passava em frente sua casa, este objeto a ajudou a expandir sua imaginação. Utilizou-se do boneco real, para dar vazão ao processo criativo do amigo imaginário, porém o brinquedo tão querido foi cortado pela vizinha causando-lhe frustração e perda, quando apoiada na lembrança do objeto faltoso buscou-se o amparo afetivo e companhia para passar por este momento de luto através da fantasia.

Entre as vicissitudes da infância e as primeiras identificações necessárias ao desenvolvimento infantil, surge a importância da figura de apego. Para Bowlby (2002) a criança identifica sua figura de apego principal no indivíduo que lhe oferece segurança e cuidado, porém nem sempre será necessariamente a mãe. Pois ela pode se apegar, por exemplo; aos irmãos, ao pai e aos avós quando o apego poderá ser selecionado a figuras secundárias, mas sendo mais comum ser a própria mãe.

Se a figura da mãe ou outro representante materno está acessível, a criança tende a sentir-se tranquila e segura, porém quando esta sente que o vínculo é ameaçado, desloca-se seu apego a outros objetos, utilizando como recursos objetos inanimados, como; chupeta, cobertor. Winnicott (1975) chamou estes objetos de transicionais, em que a criança se apegava a um objeto para diminuir suas ansiedades em meio as faltas do objeto principal, ou figura de apego e mais tarde John Bowlby (2002) nomeou-os de 'objeto predileto'.

Objetos de apoio para dar asas à imaginação, não são tão incomuns, como em Bill Watterson³ escritor de histórias em quadrinhos infantis e criador dos personagens Calvin; um garoto de seis anos de idade e Haroldo; um tigre de

³ William B. Watterson II nasceu no ano de 1958. Era cartunista e ilustrador, mas, ficou conhecido pelas criações dos personagens Calvin e Haroldo. Ganhou o título de o cartunista mais jovem no ano de 1986. E encerrou seus escritos em 1995. Disponível em: <<http://depositocalvin.blogspot.com.br/2009/04/biografia-de-bill-watterson.html>

pelúcia. O autor evidencia que o brinquedo para o menino tem uma aparência totalmente diferente do real, pois é seu amigo imaginário. Ou como questionado por Corso e Corso (2006), não se sabe ao certo se é imaginário ou um objeto transicional, mas o tigre é para Calvin sua companhia e sua maior diversão.

As participantes 1 e 2, quando trouxeram as recordações sobre o surgimento do amigo imaginário, retrataram um pouco das dificuldades que enfrentavam neste período.

[...] meu pai queria vender o sítio para comprar um caminhão e minha mãe não queria que vendesse o sítio, minha mãe queria voltar a estudar e aí começou as brigas e discussões em casa. (Participante 1).

Com uns 10...11...12, ficou bem mais forte a presença dele, porque foi quando eu me isolei de todo mundo, eu fui para meu mundo dentro de casa. (Participante 2).

Desde muito cedo e de forma muito particular, cada indivíduo é capaz de criar suas próprias defesas e de buscar suas maneiras e recursos internos, para vivenciar as faltas e os impasses que a vida lhes impõe. Este recurso pode se constituir através de um objeto concreto ou uma invenção da criança. Para Laplanche e Pontalis (2001) o fantasiar elucida o “Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente (p. 169).

Na utilização da fantasia como recurso de adaptação conforme Winnicott (1975), as participantes revelaram se reportar a capacidade criativa, no momento em que foi necessário se adequarem a situações que remetiam a dificuldades psicoemocionais. Como a participante 4 expôs em sua fala em que se referia as lembranças da infância, “*as difíceis tentava superar com a imaginação.*”

De acordo com Vigostsky (2007), em seus escritos sobre a formação social da mente, defende-se que a imaginação auxilia no desenvolvimento das interações sociais, do pensamento abstrato, da internalização das regras de comportamento. O autor enfatiza que a imaginação é um processo psicológico novo e uma atividade consciente do ser humano.

As professoras quando perguntadas sobre suas brincadeiras na infância e suas companhias imaginárias, evidenciaram o quanto a fantasia e o faz de conta estiveram presentes em seus momentos lúdicos. Quando estiveram sozinhas ou

acompanhadas, cada uma mostrando sua subjetividade no brincar, que era a melhor forma de internalizar as suas contrariedades.

[...] O meu quintal era mágico, a rua era prazerosa, espaço livre, extensão quintal. [...] me lembro de um dia em que eu peguei a caixa de sapato e desenhei a casinha de bonecas, as pilhas eram as bonecas... . (Participante 2).

[...] Momentos difíceis...que eu venho de família pobre e o amigo imaginário surgiu pela falta do brinquedo. (Participante 4).

Considerando as relações entre imaginação, desejos, fantasias e criação, apreende-se que é investido no brincar aquilo que a criança não consegue explicar ou sugere dificuldade de expor verbalmente. Segundo Freud (2006) quando os desejos não são realizados, o que ganha espaço é a insatisfação, surgindo assim as fantasias para mediar realidade e desprazer que são carregadas de conteúdos do passado, presente e futuro, todos interligados pelo desejo.

Fernandes (2012), em seus estudos sobre a psicanálise e a literatura, traz considerações sobre o brincar e a fantasia, compreendendo que também existe fantasias na vida do adulto, como os artistas e poetas que a manifestam em suas obras. Ocorre-se nesse processo um investimento de emoções nos escritos criativos, já que seus conteúdos não podem ser revelados como no brincar de uma criança. Confirmando o uso da fantasia como recurso adaptativo cita-se aqui o trabalho das professoras que também se expressa através das fantasias, em suas atividades criativas e brincadeiras com as crianças em sala de aula.

Os amigos imaginários de acordo com as entrevistas, como se mostra a seguir, representavam uma figura positiva:

Não tinha o que eu não gostava nele, falava sobre os conflitos e pedia conselhos e ele respondia. (Participante 1).

O que eu mais gostava era a tranquilidade que ele me dava, me fazia pensar.... (Participante 2).

A liberdade de conversar, adaptava aquilo que eu queria nele... (Participante 3).

Gostava das conversas que ele tinha comigo. Na verdade, eu falava e ele me ouvia, mas as vezes eu tinha a sensação que ele me falava o que eu queria ouvir... (Participante 4).

Outra dimensão de análise se refere aos prazeres sentidos através dos amigos particulares da infância, sendo que os companheiros imaginários são fenômenos normais do desenvolvimento infantil e contribui para melhor entendimento dos aspectos da realidade, servindo de apoio e quase sempre em uma versão positiva (Papalia, Olds, & Feldman, 2006). As entrevistadas confirmam as afirmações dos estudos apresentados, pois todas manifestaram o contentamento em possuírem amigos imaginários e o que mais gostavam em suas criações.

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2006) mesmo a criança possuindo o entendimento do que é real e fantasioso, tende a brincar com personagens e seres de sua imaginação como se eles existissem de verdade. Assim como foi a experiência com o amigo imaginário das seguintes professoras, as quais atribuíram até crenças e características humanas aos seus amigos imaginários. Participante 3: *“Na minha cabeça era real”* e também da participante 2: *“Eu via ele como uma criança, um menino.”*

A situação imaginada pela criança é uma forma de libertação e desprendimento em resposta as limitações impostas a ela. É a maneira prazerosa de se renunciar ao que ela quer de fato (Vigotsky, 2007). Como é configurado na fala da participante 2: *“O problema era quando parava no imaginário e eu tinha que voltar para a realidade dentro de casa.”*

Winnicott (1975) afirma que sobrepõe aos adultos tudo aquilo que se diz sobre o brincar de crianças, que é possível identificar o brincar adulto em processos de análise, como o uso do humor, as palavras que se utilizam ao falar, as diferentes tonalidades e mudanças da voz.

Os pais e familiares, pelo convívio com a criança, acabam por descobrir através do brincar a presença da criação imaginária conforme relato a seguir:

Eu acho que ele ia embora quando alguém aparecia, era um segredo meu... Ele aparecia quando eu estava sozinha, ou quando me isolava. Meu irmão descobriu que eu ia brincar sozinha, ele me disse que quando alguém saía sozinha assim, brincava sozinha, era o capeta que está com a pessoa. Ele me colocava medo. (Participante 3).

Sobre os posicionamentos de pais ou adultos próximos, em relação ao amigo imaginário, esta pesquisa comprova e reafirma pressupostos sobre a criança não contar sobre sua criação imaginativa. Ou quando são descobertas e falam sobre aos adultos, elas serem mal interpretadas em sua brincadeira de faz de conta em que

acaba por receber um significado religioso negativo por parte dos mesmos (Melo et al., 2018).

Papalia, Olds e Feldman (2006) afirmam ainda que as crianças tendem por se sentirem mais livres para brincar com suas companhias fantasiosas quando adultos não estão por perto, como também é mencionado pela professora 2: “...As vezes *ele aparecia do nada, porque eu brincava muito sozinha, até um adulto chegar.*”

A criança vai crescendo, percebendo que o conhecimento não está somente no presente, mas está no pensamento, no que foi aprendido, que pela brincadeira pode-se representar, encenar e imaginar de diversas maneiras. Quando existe uma representação, a criança reapresenta o que foi experimentado por ela e dá um novo significado. Entendendo que o que está em ação é fruto de sua imaginação e não o real propriamente dito (Kishimoto, 2017).

Estas criações imaginárias das crianças também podem apresentar-se muito reais e criativas, como nas falas das participantes 2, 3 e 4, as quais foram tão ricas de detalhes, sinalizando que brincavam e passeavam.

Era moreno claro, cabelo lisinho, olhos castanhos, um pouco menor que eu na época. Normalmente estava de short azul, blusa branca e descalço [...]. (Participante 2).

A gente passeava, brincava, trabalhava, andava a cavalo, passeava na casa dos outros. Me acompanhava por onde eu ia. (Participante 3).

Era negro, olhos azuis e o cabelinho dele era todo encaracolado e tinha boca vermelha. E eu achava estranho porque ele era menino e usava batom? (risos). (Participante 4).

Winnicott (1975) define a criatividade como a forma que o indivíduo recebe a realidade externa, evidenciando que tudo que acontece é criativo e que este impulso não está presente somente em artistas e poetas, mas em qualquer pessoa. Desde uma criança com o seu chorar, a um adulto por meio de sua profissão poderá dar forma a sua criatividade.

Diferente das criações e fantasias da primeira professora entrevistada, a qual informou sobre uma companhia imaginária com características mais brandas e que costumava brincar com maior frequência em grupo; pois quando sua companhia se fazia presente ela mesma se fazia invisível: “*Era alto e branquinho, como se fosse a alma dele me acompanhando*”, mas que tivera seu amigo um pouco mais tarde, no

período da fase escolar e do desenvolvimento do pensamento lógico (Papalia, Olds, & Feldman, 2006).

Como é possível identificar nos relatos de todas as participantes, as quais se consideram muito criativas e conseguiram levar a ludicidade e a criatividade alinhadas à atual profissão de professoras, revelam conseguirem ensinar com ludicidade, transmitindo o brincar e educar com seriedade as crianças, como seguem as narrativas a seguir:

Sim, gosto de contar histórias, conversar com as crianças, inclusive dei uma aula de relaxamento e eles tiveram bastante dificuldade em tocar o outro coleguinha. Hoje em dias as crianças são muito fechadas. (Participante 1).

*e
[...] eu estou na secretaria de educação, além da escola e fiquei na matemática e brinquei muito preparando aulas do CEC, onde preparo os professores para dar aulas. Sou professora formadora, para levar algo para os professores fazerem eu preciso fazer antes. [...] Essa fase para minha vida profissional, ela foi bem vivida e me ajuda. (Participante 4).*

Freud (2006), no texto, “Escritores Criativos e Devaneio”, fundamenta que nunca deixamos ou renunciamos a algo para sempre, apenas fazemos substituições e assim é no brincar que o ser humano se expressa, com seus conteúdos emocionais mais profundos. A seriedade com que a criança confere às atividades do brincar, do imaginar e fantasiar, é a mesma quando se é adulto e precisa realizar suas ocupações, encontrando assim prazer no que faz.

Santos e Cruz (1997) corroboram as narrativas das participantes acima quando descrevem, “Quanto mais o adulto vivenciar sua ludicidade, maior será a chance de este profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa.” (p. 14). Quando pode-se inferir que é rico e especial se deparar com a subjetividade destas professoras, quando a paixão e profissionalismo se revelam através de constructos germinados desde tenra infância.

Pode-se encontrar e confirmar em algumas narrativas da pesquisa de campo, sinais da presença de conflitos parentais e perdas significativas.

Teobaldo. Ele veio na pré-adolescência, aquela fase que a gente começa a se perguntar quem sou eu... apareceu em um período difícil; separação dos meus pais e sentia muita falta da minha vó que faleceu neste período, ela me colocava quase que em um pedestal. E neste tempo me perguntava onde estava minha vó que sempre disse que ia cuidar de mim, mas não estava ali... eu culpava ela pelo que me acontecia. (Participante 1).

[...] sempre soube que meu pai tinha morrido, mesmo tendo o meu padrasto ficou uma lacuna. Como se eu estivesse em um espaço que não era meu. (Participante 3).

Para grande parte dos indivíduos, o vínculo estabelecido nos primeiros anos de vida prossegue até a vida adulta, podendo ser direcionado a outras pessoas e também diversos grupos; escola, religiosos, trabalho (Bowlby, 2002). Como se pode captar na amostra desta pesquisa, subjetividades que revelam faltas e desamparos sentidos e relacionadas a avós e figuras paternas.

O amigo imaginário também carrega vestígios de mãe e do pai, e surge como possibilidade criativa e de resposta saudável da ausência dos mesmos. Para que isso se estabeleça, as figuras de apego da criança precisam ter lhes proporcionado um apego e uma separação possível e saudável, psíquico e emocionalmente, para que se tenha possibilidade de simbolizar (Gutfreind, 2014).

Retornando a teoria do apego de Bowlby (2002), para uma das professoras pesquisadas, as discussões e separação dos pais podem ter gerado um ambiente inseguro e ameaçador, e conseqüentemente a internalização de um apego inseguro. Também na falta (morte) de sua avó que era considerada sua fonte de segurança, e tendo que elaborar o luto de mais uma separação, o amigo imaginário surge como resposta para suportar aquela realidade (amparo e segurança), quando ela busca maneiras de reestabelecer o equilíbrio.

A criança não consegue distinguir ainda a morte de um divórcio, pois ela entende que a morte não é permanente, mas passageira, assim como na separação dos pais que ela pode rever qualquer um deles (Kübler-Ross, 1996). Considera-se então o aparecimento do AI como positivo e muito saudável, visto que neste período infantil ela pôde elaborar os conflitos internos e externos relacionados às perdas afetivas e ao trato com o luto.

Diante das dúvidas e contrariedades, o AI aparecia como auxílio do que internamente encontrava-se difícil de suportar.

Ele aparecia quando tinha conflitos, quando não conseguia responder algumas questões. Quando o conflito terminava a gente conversava, ele ia embora. (Participante 1).

As vezes que queria fugir, queria morrer..., ele conseguia tirar isso de mim, que isso não ia resolver. Sempre que eu via ele...Oba! Agora vou respirar! (Participante 2).

Laplanche e Pontalis (2001) ao definir a associação livre como “Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea” (p. 169), propicia contato com o mundo interno da pessoa. Fica evidente o contexto em que o amigo imaginário emerge, assemelhando a um cenário terapêutico, em que a criança através do brincar vai dizendo e expondo seus sentimentos, sem reprimi-los.

Gutfreind (2014), ao preconizar sobre o amigo imaginário, o compara a uma corda que vai esticando e adaptando seu tamanho ao que é necessário no momento, não a ponto de arrebentar; mas sim de suportar os conteúdos internos e externos, sem deixar efeitos colaterais. Assim, oferecendo a possibilidade de expandir as capacidades reflexivas criativas da criança, um dos papéis do amigo imaginário se estabelece: a expansão do lúdico.

A curiosa criação infantil poderá representar uma projeção, pois de acordo com Laplanche e Pontalis (2001) a projeção é um mecanismo de defesa primário, em que o indivíduo projeta o que é seu sobre um objeto ou sujeito, sem saber ao certo a sua motivação ou origem. Como acontece na atividade criativa com o amigo imaginário, em que são realizadas fantasias e transferências marcando o vivido e as subjetividades relacionadas com o do adulto.

Para Ferreira (2008) essa projeção pode significar um alterego da criança como expressão dos seus outros “eus” (p. 33), o que fica evidente na fala das participantes quando narram sobre suas experiências infantis: que o amigo imaginário era uma projeção de “eus” não ditos, das ausências familiares que eram restritamente ditas e vividas na experiência fantasiosa de um amigo invisível.

Corso e Corso (2006) propõem uma análise psicanalítica sobre as histórias infantis e os contos de fada, fundamentando que as mesmas são terapêuticas e fornecem estrutura para que a criança elabore conflitos e possa encontrar suas próprias soluções. Assim como o amigo imaginário, que ao ser criado, possibilita junto de sua existência subjetiva, condições para satisfazer os desejos de forma mais tranquila e menos traumática e ressignificar os conflitos existentes.

Como foi retrato por uma professora quando indagada sobre o nome do amigo imaginário, a entrevistada respondeu; externando que seu amigo particular representava em sua vida, a figura paterna e o substituto desta. “*Ele se chamava*

Pai. Me trazia segurança! “Era muito parecido com meu padrasto. [...]...meu amigo imaginário tinha poder de decisão, ele era claro, parecido com meu padrasto, mais novo para não ser velho, mas era adulto.” (Participante 3). Para Aberastury (1992) quando a criança passa por uma situação traumática ela tende a repetir a experiência nas atividades lúdicas, para buscar possibilidades de elaboração e trazer a consciência.

Como pôde se constatar através da participante 3, a qual relatou a falta do pai na infância, refletida na busca de afeto e apoio no amigo imaginário que era mais velho, se estendendo até a fase adulta.

Tudo, eu não vivo muito a realidade, eu não vivo muito os dias, eu deixo ir passando...muita gente fala que queria voltar naquele tempo... eu não, eu não quero. Essa parte... proteção, marido mais velho...eu sempre procurei uma pessoa mais velha. Eu tive dois casamentos e os dois mais velhos, sempre procurei proteção. (Participante 3).

Para Costa (2010), Melanie Klein, ao adentrar os estudos sobre o universo infantil, buscou incorporar a criança à clínica psicanalítica, rompendo com a pedagogia e também com a ideia de que esta não possuía conflitos. Reafirmou que muitos conflitos da fase adulta são originados da infância e se repetem ao longo da vida.

Como pode-se evidenciar através do relato desta professora a qual sinalizou elaboração do luto.

Sobre a separação dos meus pais, antes eu achava que o casamento era eterno. Então nos relacionamentos hoje vejo que se não der certo separa. Antes tinha muita dificuldade. Então na infância para hoje houve essa quebra da fantasia, de que tudo era eterno. (Participante 1).

Diferente para pessoas que conseguem atingir a possibilidade de ressignificação dos conflitos e perdas. Para Freud (1996) o luto se instala para que uma elaboração ocorra, podendo ocorrer pela morte de fato, separação dos pais ou até perda da fantasia da infância para dar lugar a fase adulta. O que é perdido só pode ser ressignificado quando o indivíduo consegue atribuir um novo significado, ou seja, redirecionar o investimento libidinal a um novo objeto.

Na fala da participante 3, nota-se que o amigo imaginário comumente estava presente em diversas situações cotidianas:

A gente brincava o tempo todo. Se eu ia na rua, ele ia comigo, se eu me escondia, ele escondia comigo. Eu estava retraída pela perda e o amigo imaginário me fez brincar de novo. [...] Na escola eu não gostava quando a professora colocava alguém sentado do meu lado, porque tinha meu amigo imaginário. A sensação era tão forte que eu escutava, ele falando: vamos brincar juntos? [...]. As vezes só o boneco, as vezes tinha mais, dependia da brincadeira.

A presença de uma criação imaginária é favorável, mas é necessário que os pais estejam atentos, se possui somente este amigo ou se a criança envolve em outros tipos de brincadeira. E, mais que isso, observar do que brincam (Papalia et al., 2006). Para Guterfiud (2014) enunciando sobre a criança, “Se o amigo está excessivamente presente isto pode ser um sintoma que o esgarça, a corda para estourar. Mas ainda é o que melhor o sintoma pôde inventar para a insuficiência do ambiente.” (p. 123).

Vigotsky (2009) explica que a imaginação também passa por processos de desenvolvimento e se estabiliza na fase adulta, o que não prediz que o adulto tem uma imaginação empobrecida. Pelo contrário, ele carrega diversas experiências acumuladas que vão desde a infância à atualidade, considerando que as fantasias não deixam de existir, porém acaba sendo reprimidas.

Segundo Torean e Aguiar (2011), a subjetividade é condição de todo ser humano, especificando que para o meio psicanalítico é compreendida por meio de duas ordens de funcionamento; estas relativas ao consciente e ao inconsciente. Esse sujeito que ora é movido pelas faltas de terra infância e ora pelos desejos, é inserido em uma ordem simbólica e representativa já demarcando sua subjetividade, um ser que precede a linguagem.

Cuevas (2018) em seu livro, questiona o leitor: “Alguém já viu você? Realmente, de verdade, a parte mais profunda que parece invisível ao resto do mundo? Espero que alguém tenha visto você. Alguém me viu. Fleur sempre me viu.” (p. 21). E aqui retratamos, o amigo imaginário das entrevistadas que teve essa função, de ser invisível para outras pessoas, mas visível para quem o imaginava. Para elas, através do amigo imaginário; vivenciaram e revelaram muito de seus conteúdos psicoemocionais, como: faltas, fantasias, afetos, medos, desejos, conflitos e esperanças.

4 CONCLUSÃO

O amigo imaginário é um fenômeno normal e natural na infância e é definido como uma companhia invisível ou um brinquedo com características imaginárias, o qual somente a criança pode ver. Os primeiros estudos sobre este fenômeno imaginário mostravam-se muito próximo às patologias infantis. Atualmente as pesquisas retratam os diversos benefícios advindos desta forma de fantasiar: diversão, companhia, forma de expressão dos desejos, resiliência, elaboração de conflitos, desenvolvimento cognitivo e de linguagem, criatividade, amparo e afeto.

Os dados coletados confirmaram as consequências positivas do amigo imaginário da infância na formação da subjetividade do adulto, sendo evidenciado também pelos referenciais teóricos, que os adultos que tiveram o AI apresentam como característica a criatividade e socialização. Cada professora criou, a seu próprio modo, o seu amigo imaginário, buscando recursos já aprendidos ou compondo novas maneiras de ser e de se perceber; desse modo a criação imaginária torna-se parte dessa subjetividade que compreende o adulto/professor.

Assim, o amigo imaginário constitui-se numa alternativa para suportar a realidade e de se reinventar como pessoa, desenvolvendo capacidades de registrar e aprender a lidar com as emoções. A subjetividade está intimamente conectada às experiências infantis em que as etapas do desenvolvimento dão continuidade uma as outras, contribuindo para a formação evolutiva do humano de maneira muito singular. Prova disso são as diferenças na forma de criação e nas características investidas ao AI. Esse brincar/imaginar implica seriedade e diversão, o qual pode ser empregado nos relacionamentos e convivências, bem como também no trabalho particular de professora, na mobilização da criação, imaginação e criatividade.

REFERÊNCIAS

- Abenta, C. A. S., & Fonseca, O. M. C. (2014). *Estimular a imaginação e a criatividade recorrendo á literatura para a infância*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-escolar, Universidade de Algarve (UAlg), Faro, Portugal.
- Aberastury, A. (1992). *A criança e seus jogos*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Benjamin, W. (2002). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. (Coleção Espírito Crítico) São Paulo: 34.

- Bouldin, P., & Pratt, C. (1999). Characteristics of preschool and school-age children with imaginary companions. *The Journal of Genetic Psychology*, 160(4), 397-410.
- Bouldin, P., & Pratt, C. (2002). A systemtic assessment of the specific fears, Anxiet level, and temperamento of children with imaginary companions. *Australian Journal of Psychology*, 54(2), 79-85.
- Bowlby J. (2002). *Apego e perda*. (Vol. 1). (A. Cabral, trad.). São Paulo: *Martins fontes*.
- Cerutti, K. F. (2011). *Serendipity: o acaso, a narrativa e o personagem no processo de criação*. Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais: Habilitação em História, Teoria e Crítica de Arte: Bacharelado. Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS.
- Corso, D. L., & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: *Artmed*.
- Couto, N. S., & Arena, D. B. (2012). Jogo de papéis e linguagem: diálogos possíveis entre Vygotsky e Bakhtin. *Revista Diálogo*, 18(1), 163-174.
- Cuevas, M. (2018). *Confissões de um amigo imaginário*. (L. D.V. Geisler, trad.). Rio de Janeiro: *Galera Record*.
- Dicks, M. (2012). *Memórias de um amigo imaginário*. (S. Cobelo, trad.). São Paulo: *ID*.
- Fernandes M. C. B. (2012) "O refúgio da escrita" *processo terapêutico da escrita em pessoa*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal.
- Ferreira, M. R. (2008). "...Porque quando sai de casa fica invisível e eu não sei onde ele está!". Imergindo dos meandros das culturas da infância... Para a desocultação dos amigos imaginários das crianças... *Interações*, 10, 14-38.
- Fischborn A. G., & Lopez, V. B. (2013). *O papel do fenômeno amigo imaginário no desenvolvimento infantil: uma perspectiva de psicólogos de orientação psicanalítica*. Trabalho de Conclusão Graduação em Universidade Psicologia, Universidade, Porto Alegre, RS.
- Freud, S. (1996). *Luto e Melancolia*. In_____. *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914- 1916)*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). (Vol. XIV, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2006). *Escritores criativos e devaneio*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. IX, pp.135-143). Rio de Janeiro: Imago.

- Gutfreind, C. (2014). *A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro-RJ: Imago.
- Kubler-Ross. (1998). *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos, e aos seus próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kishimoto, T. M. (2017). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo, SP: Cortez.
- Laplanche, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise / Laplanche e Pontalis*. (4a ed.). (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Leticia, F. B. (2015). *El amigo imaginário*. Trabajo final de Grado en Psicología. Psicología Universidad de la Republica, Montevideo, Uruguay.
- Melo, D. G. S., Silva H. F., Moura I. T. T., & Barbosa S. S. (2018) *O posicionamento dos pais sob a ótica dos amigos imaginários*. Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO). Psicologia.pt
- Moura, F. (2006). *A utilização do Diário de Bordo na formação de professores*. In: *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6., São Paulo: Proceedings online.
- Oliveira, S. P. (2017). *Brincar é coisa séria*. Trabalho de conclusão de curso em Pedagogia. Departamento de Humanidades e Educação no curso de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUL, Rio Grande do Sul, RS.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo da criança, imitação jogo, sonho, imagem e representação de jogo*. São Paulo: Zonhar.
- Santos, S. M. P., & Cruz, D. R. M. (1997). O lúdico na formação do educador. In _____. (Org.). *O lúdico na formação do educador*. Vozes: Petrópolis.
- Souza, A. M. S. (2011). A temática da infância sob a visão de Walter Benjamin. *Revista Memento*, 2(1) 63-73.
- Taylor, M., & Mottwiler, C.M. (2008). Imaginary companions: pretending they are real but knowing they are not. *American Journal of Play*, 1, 47-54.
- Torezan, Z. C. F., & Aguiar F. (2011). O Sujeito da Psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal-estar e subjetividade*, 11(2), 525-554.
- Vasconcelos, J. M. (2005). *O meu pé de laranja lima*. São Paulo: Melhoramentos.

- Velludo, N. B. (2014). *A criação de amigos imaginários: um estudo com crianças brasileiras*. Dissertação de Mestrado em Programa de Pós de Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Velludo, N. B., & Souza, D. H. (2015). A criação de amigos imaginários: uma revisão de literatura. *Psico: Porto Alegre*, 46(1), 25-37.
- Velludo, N. B. & Souza, D. H. (2016) “Ele me deixava especial”: amigos imaginários, suas funções e atitudes parentais. *Maringá: Psicologia em Estudo*, 21(1), 115-126.
- Vigotsky, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto, & S. C. Afeche, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. (J. O. A. Abreu, & V. Nobre, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

ANEXO A- Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AMIGO IMAGINÁRIO: das vivências infantis a subjetividade dos adultos.

Pesquisador: GEMA GALGANI DA FONSECA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82315817.8.0000.8078

Instituição Proponente: ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS - AEPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.559.024

Apresentação do Projeto:

O projeto em questão pretende analisar a construção da subjetividade a partir das memórias vividas na infância, sobretudo, a partir do amigo imaginário.

Objetivo da Pesquisa:

Este trabalho objetiva abstrair através das memórias e vivências infantis, as contribuições do amigo imaginário para a vida pessoal e percepções atuais sobre o papel deste na experiência humana.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não apresenta riscos. poderá promover conhecimento e esclarecimentos acerca da compreensão e valor do amigo imaginário para o desenvolvimento e subjetividade humana.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto bem escrito e temática bastante pertinente. Referencial teórico bem definido.

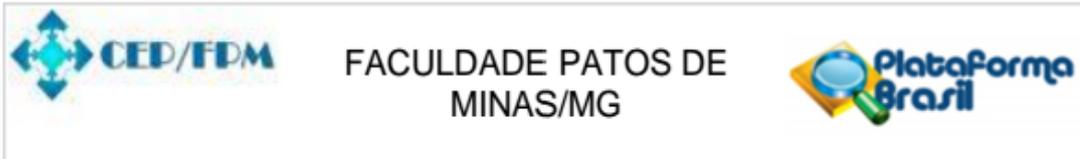
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda documentação está OK

Recomendações:

Enviar relatório final até novembro de 2018.

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 2.559.024

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/FPM: 30/11/2018

OBS.: O CEP/FPM LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

O CEP/FPM lembra que:

- a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo Participante da pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/FPM dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O Participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante da pesquisa ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br



FACULDADE PATOS DE
MINAS/MG



Continuação do Parecer: 2.559.024

projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1057169.pdf	01/03/2018 20:57:26		Aceito
Outros	TCCKarla_ProjetodePesquisaCE_CronogramaAtualizado.docx	23/02/2018 13:32:26	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Outros	TCCKarla_Entrevistaparapesquisadecampocomeducadoras.docx	23/02/2018 13:24:31	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Outros	TCCKarla_TermodeCompromissocomCEP.pdf	23/02/2018 13:06:35	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Outros	TCCKarla_CartadeApreciacaodeprojetoCE.pdf	23/02/2018 13:03:38	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Folha de Rosto	TCCKarla_FolhaDeRosto.pdf	23/02/2018 12:51:50	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLMaiordesidade_TCCKarla_2012.docx	20/12/2017 15:08:06	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodecompromisso_comcep_TCCKarla_2012.docx	20/12/2017 15:05:11	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaopCE_TCCKarla_2012.pdf	20/12/2017 15:04:15	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220

Bairro: Cidade Nova

CEP: 38.706-401

UF: MG

Município: PATOS DE MINAS

Telefone: (34)3818-2300

Fax: (34)3818-2300

E-mail: cep@faculadepatosdeminas.edu.br



Continuação do Parecer: 2.559.024

Declaração de Instituição e Infraestrutura	DeclaracaopPesquisa_InstituicaodeEnsi no_TCCKarla_2012.pdf	20/12/2017 15:03:54	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisa_TCCKarla_2012.doc x	20/12/2017 15:02:15	GEMA GALGANI DA FONSECA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PATOS DE MINAS, 23 de Março de 2018

Assinado por:
HUGO CHRISTIANO SOARES MELO
(Coordenador)

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira, nº1220
Bairro: Cidade Nova **CEP:** 38.706-401
UF: MG **Município:** PATOS DE MINAS
Telefone: (34)3818-2300 **Fax:** (34)3818-2300 **E-mail:** cep@faculdadepatosdeminas.edu.br

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Karla Cristina da Silva

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek nº 1200, Bairro Cidade Nova, Bloco 3B-
Patos de Minas

Telefone de contato: (34) 3818-2300

E-mail: karla_cristina55@hotmail.com

Autor Orientador:

Gema Galgani da Fonseca

Endereço: Avenida Juscelino Kubitschek nº 1200, Bairro Cidade Nova, Bloco 3B-
Patos de Minas

Telefone de contato; (34) 3818-2300

E-mail: galgani.fonseca@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 04 de novembro de 2018

Karla Cristina da Silva

Gema Galgani da Fonseca



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)